

Crónica Internacional

POR CORREIA MARQUES

Isto não é um artigo: é um lance de olhos ao que vai por êsse mundo. Pede-se por isso ao leitor que não se amofine com o descosido destas notas, que constituem uma espécie de caleidoscópio — e mais nada.

*
* *

A DECADÊNCIA DA EUROPA. — Um jornal belga — *Le XX^e Siècle* — publicou recentemente dois artigos alarmados do Sr. Conde Renaud de Briey, que à urbe e ao orbe proclama o declínio da Europa e a ascensão temerosa das gentes orientais. Como nos tempos das invasões e como nos períodos de esplendor do Grão Turco e dos sarracenos, a Ásia avulta e escurenta de ruins preságios o futuro da Civilização Ocidental.

O problema internacional posto assim, universaliza-se, toma proporções gigantescas e faz oportuna e mais verdadeira que nunca a frase de Cecil Rhodes:

— «É preciso pensar no futuro, não por países, mas por continentes!»

Para o Sr. Conde de Briey, a civilização ocidental, isto é, a civilização latina e cristã, encontra-se seriamente ameaçada por um terrível conjunto de factores, cuja acção é dirigida pela Prússia (não confundir com a Alemanha).

O primeiro desses factores é de ordem fisiológica: por

cada francês nascem três alemães. Em 1956 mento anual dará à França 110:000 homens *milhão* à Alemanha, que já hoje, segundo decia, pode mobilizar 7.000:000 de recrutas!

Nestas condições a França há-de ser forçada minada num futuro, que Deus faça remoto, p

Ora a Prússia é, na opinião do colaborador *cle*, o galvanizador dos 900 milhões de asiáticos em remugentes ambições pelo bolchevismo sianos, pelo seu cunho étnico e pelas suas te ciais, são um povo slavo. O estadista alemão W nau dizia «que a Prússia monárquica, apesar monia e da sua notável coesão, ficou uma extra-alemã».

Á tendência anti-europeia da Prússia ac espírito anti-católico, bem expresso nas imp Keyserling, segundo o qual «a Prússia deve consciência permanente do mundo e, mais pa o polo de atracção dos povos slavos e asiá quais será a iniciadora da *cultura russa*, con *espírito romano*, que trouxe ao mundo uma n dora, como diz Herder».

Segundo o professor Curtius «a Aleman para o oriente e volve costas ao ocidente». U doutor e publicista, assevera também na *Neu* que «as colunas da civilização germano-latim passo que o trabalho de reconstrução slavo-ge gride. Está-se formando no Ocidente uma no a influência espiritual do Oriente, que despe no europeu os sentimentos da Índia primitiva bedoria milenária».

Por êste teor seguiam algumas transcriçõe apontadas ao intuito de mostrar que a Europa goso declínio, ao passo que os orientais, acau intelectuais, cujas obras a moda vulgarizou, sob mente ao assalto do velho edifício da Civilizaç

ónica Internacional

POR CORREIA MARQUES

ão é um artigo: é um lance de olhos ao que vai mundo. Pede-se por isso ao leitor que não se om o descosido destas notas, que constituem uma e caleidoscópio — e mais nada.

*

* *

CADÊNCIA DA EUROPA. — Um jornal belga — *iecle* — publicou recentemente dois artigos alar- Sr. Conde Renaud de Briey, que à urbe e ao ama o declínio da Europa e a ascensão temerosa orientais. Como nos tempos das invasões e como os de esplendor do Grão Turco e dos sarrace- a avulta e escurenta de ruínas preságios o futuro- ação Ocidental.

lema internacional posto assim, universaliza-se, orções gigantescas e faz oportuna e mais verda- nunca a frase de Cecil Rhodes: reciso pensar no futuro, não por países, mas por s!

Sr. Conde de Briey, a civilização ocidental, isto zação latina e cristã, encontra-se seriamente por um terrível conjunto de factores, cuja acção pela Prússia (não confundir com a Alemanha). eiro desses factores é de ordem fisiológica: por

cada francês nascem três alemães. Em 1936 o recensea- mento anual dará à França 110:000 homens e *perto dum milhão* à Alemanha, que já hoje, segundo declarações ofi- ciais, pode mobilizar 7.000:000 de recrutas!

Nestas condições a França há-de ser forçosamente do- minada num futuro, que Deus faça remoto, pela sua rival.

Ora a Prússia é, na opinião do colaborador do *XX^e Siè- cle*, o galvanizador dos 900 milhões de asiáticos, já agita- dos em remugentes ambições pelo bolchevismo. Os prus- sianos, pelo seu cunho étnico e pelas suas tendências so- ciais, são um povo slavo. O estadista alemão Walter Rathe- nau dizia «que a Prússia monárquica, apesar da sua hege- monia e da sua notável coesão, ficou uma constelação extra-alemã».

Á tendência anti-europeia da Prússia acresce o seu espírito anti-católico, bem expresso nas imprecações de Keyserling, segundo o qual «a Prússia deve tornar-se a consciência permanente do mundo e, mais particularmente, o polo de atracção dos povos slavos e asiáticos, para os quais será a iniciadora da *cultura russa*, contra o *maldito espírito romano*, que trouxe ao mundo uma noite devasta- dora, como diz Herder».

Segundo o professor Curtius «a Alemanha nova olha para o oriente e volve costas ao ocidente». Um Sr. Paquet, doutor e publicista, assevera também na *Neue Rundschau* que «as colunas da civilização germano-latina oscilam, ao passo que o trabalho de reconstrução slavo-germânico pro- gride. Está-se formando no Ocidente uma nova moral, sob a influência espiritual do Oriente, que desperta e reanima no europeu os sentimentos da Índia primitiva e da sua sa- bedoria milenária».

Por êste teor seguiam algumas transcrições mais, todas apontadas ao intuito de mostrar que a Europa vai em peri- goso declínio, ao passo que os orientais, acaudilhados por intelectuais, cujas obras a moda vulgarizou, sobem açodada- mente ao assalto do velho edifício da Civilização Ocidental.

Ora — *ne quid nimis*. A Europa é culpada, sem dúvida, de grandes pecados. O materialismo e o egoísmo eivaram as nações próceres e mais responsáveis na marcha e orientação das coisas humanas. O facto da guerra foi um crime e ao mesmo tempo uma expiação. Das labaredas ingentes das batalhas surgiu, porém, uma flama pura: o patriotismo e a fé, germanados na defeza do Ideal. A cubica provocou o flagício tremendo; o heroísmo floriu-o de virtudes.

O afervoramento do catolicismo depois da guerra, o prestígio conquistado pela Sé de Pedro provam que o espírito que animou a civilização ocidental sobrevive gloriosamente ao derruir das mais ostentosas organizações engendradas pela ambição e pelo génio dos homens.

Vistas as coisas mais de perto, porém, pode objectar-se que a decadência da Europa, mesmo na ordem estritamente material, é muito menor do que pode julgar-se do hábil e na verdade impressionante endentamento de factos apresentados por Spengler, Keyserling, Muret ou Mann. É certo que se faz mister pensar no futuro da política internacional, olhando mais aos continentes que aos estados, como profetizou Cecil Rhodes. A Europa mantém ainda, porém, e manterá por largo tempo, a hegemonia do mundo. A Arte, a Espiritualidade, a Civilização, o facho da Fé e do Cristianismo continuarão a ser levantados pela Europa acima das paixões e mesquinarias humanas. E também a prosperidade material continuará a depender da Europa, que pela Inteligência dominará as forças bárbaras da Ásia e as forças brutas da África. A vitalidade europeia revela-se duma forma triunfante na rápida e imprevista restauração económica das nações devastadas pela guerra. A França e a Bélgica arrasadas, a Alemanha vencida — aí estão esplendidas de vigor e rejuvenescimento. A população francesa decresce. A França está doente de hiper-civilização, de egoísmo. Mas a França não é a Europa. A Itália mantém a sua exuberante riqueza fisiológica. O lar alemão, pelo menos nas províncias da velha *Teutonia Mater*, continúa a

ser fecundo. A Gran-Bretanha continúa loura para todo o orbe.

E quando a Europa — onde as nações nuam à frente da civilização e da feitura d' ver exausta e decrépita, a Raça Branca vi vastíssima, impovoad, rica de formidáveis recursos. A hegemonia terá passado de co de Raça.

E seja lícito observar, de passagem, q Prússia é — desculpe-se a familiaridade uma santa história. Fixado ao solo há mu balhando tenazmente para arrancar do c máximos recursos, o prussiano é, há mui à terra e em luta constante com as mass de vez em quando a Alemanha parece a sia — é que pretende extorquir qualquer c ções vencedoras. A Rússia é, para a Alem com que pretende assustar a Inglaterra ou *papão* em Rapallo; é-o agora na questã E não é mais nada, creiam-no as gentes

A REVISÃO DO TRATADO DE

Um facto de grande monta merece ser ass visão caleidoscópica: o ataque intensissim feito contra o tratado de Versalhes, não alemães — o que é perfeitamente natural gleses. A imprensa de Lord Rothermere panha que, acometendo a princípio a man genhou a carta da Europa balcânica e reg abala agora todo o sistema saído de Versa

Esta campanha tem por intuito imediato quibildade do Tratado de Versalhes. A b panha não é de agora: vem, com intercad recimento, desde as famosas proposições inglês Keynes e do professor de Cristiania manha não poderá pagar as reparações s

ne quid nimis. A Europa é culpada, sem dúvida, pecados. O materialismo e o egoísmo eivaram rócères e mais responsáveis na marcha e orientações humanas. O facto da guerra foi um crime tempo uma expiação. Das labaredas ingentes surgiu, porém, uma flama pura: o patriotismo anados na defeza do Ideal. A cubiça provocou emendo; o heroísmo floriu-o de virtudes. ramento do catolicismo depois da guerra, oquistado pela Sé de Pedro provam que o esimou a civilização ocidental sobrevive glorióderruir das mais ostentosas organizações enela ambição e pelo génio dos homens. coisas mais de perto, porém, pode objectar-se ência da Europa, mesmo na ordem estricताल, é muito menor do que pode julgar-se do rdade impressionante endentamento de factos por Spengler, Keyserling, Muret ou Mann. É faz mister pensar no futuro da política interna-o mais aos continentes que aos estados, como cil Rhodes. A Europa mantém ainda, porém, e argo tempo, a hegemonia do mundo. A Arte, ade, a Civilização, o facho da Fé e do Cristiaarão a ser levantados pela Europa acima das quinharias humanas. E também a prosperidade nuará a depender da Europa, que pela Inteliará as forças bárbaras da Ásia e as forças frica. A vitalidade europeia revela-se duma te na rápida e imprevisita restauração econóões devastadas pela guerra. A França e a das, a Alemanha vencida — aí estão esplene rejuvenescimento. A população francesa França está doente de hiper-civilização, de a França não é a Europa. A Itália mantém nte riqueza fisiológica. O lar alemão, pelo vências da velha *Teutonia Mater*, continúa a

ser fecundo. A Gran-Bretanha continúa a exportar gente loura para todo o orbe.

E quando a Europa — onde as nações primazes contém a frente da civilização e da feitura da História — estiver exausta e decrépita, a Raça Branca viverá da América, vastíssima, impovoad, rica de formidáveis e inexplorados recursos. A hegemonia terá passado de continente, mas não de Raça.

E seja lícito observar, de passagem, que o eslavismo da Prússia é — desculpe-se a familiaridade da expressão — uma santa história. Fixado ao solo há muitos séculos, trabalhando tenazmente para arrancar do cêspede ingrato os máximos recursos, o prussiano é, há muito, um tipo fixado à terra e em luta constante com as massas moscovitas. Se de vez em quando a Alemanha parece abeirar-se da Rússia — é que pretende extorquir qualquer concessão das nações vencedoras. A Rússia é, para a Alemanha, um *papão* com que pretende assustar a Inglaterra ou a França. Foi um *papão* em Rapallo; é-o agora na questão polaco-lituanía. E não é mais nada, creiam-no as gentes pávidas.

A REVISÃO DO TRATADO DE VERSALHES. —

Um facto de grande monta merece ser assinalado nesta revisão caleidoscópica: o ataque intensíssimo que está sendo feito contra o tratado de Versalhes, não já apenas pelos alemães — o que é perfeitamente natural — mas pelos ingleses. A imprensa de Lord Rothermere iniciou uma campanha que, acometendo a princípio a maneira como se engenhou a carta da Europa balcânica e regiões convizinhas, abala agora todo o sistema saído de Versalhes.

Esta campanha tem por intuito imediato provar a inexequibilidade do Tratado de Versalhes. A bem dizer a campanha não é de agora: vem, com intercadências de esmorecimento, desde as famosas proposições do economista inglês Keynes e do professor de Cristiania, Cassel: a Alemanha não poderá pagar as reparações sem que lhe per-

mitam uma larga e vigorosa expansão comercial e industrial. Esta permissão, porém, importaria a ruína do comércio britânico, que desaparecia sob a aluvião exportadora da nação rival.

Ora, para evitar êste dilema, diz-se e escreve-se na Inglaterra, principalmente nos meios do grande comércio — há que resignar-se a cobrar menos da Alemanha. E chega a aventar-se que as anuidades do plano Dawes sejam reduzidas a 50 por cento!

E acrescentam-se argumentos especiosos, que não podem deixar de impressionar aquela gente prática, para quem o factor económico tem capital importância.

A fim de ocorrer aos encargos Dawes — diz-se — a Alemanha contraiu numerosos empréstimos particulares, especialmente na América — empréstimos que ascendem a cerca de um bilião de dólares. Se o governo tudesco alegar dificuldades ou impossibilidade no pagamento dos juros do empréstimo e das anuidades Dawes, surgirá imediatamente a questão da prioridade. E aí teremos nós uma quisesenta questão entre os estados crédores e os crédores particulares, que o governo *yankee* não deixará de apoiar.

Desta maneira e para evitar futuros conflitos — e mesmo para que não suceda ficarem todos sem nada — o mais acertado seria reduzir, dizem os periódicos ingleses, as anuidades a 50 por cento do seu montante actual. *Quand on n'a pas ce qu'on aime, il faut aimer ce qu'on a...*

Poderia suceder, todavia, que mais tarde houvesse de fazer-se nova redução. O humilde resenhador desta crónica é dos que nunca acreditaram que a Alemanha estivesse a desembolsar durante sessenta compridíssimos anos...

A UNIFICAÇÃO DA ALEMANHA. — O tratado de Versalhes, inspirado e dominado pelo espírito liberal, que as lojas maçónicas insuflaram na maioria dos estados europeus, teve o cuidado de desmembrar a Austria-Hungria — o império católico —, mas deixou de pé, num bloco tenaz,

a Alemanha — o império luterano. Nist a preocupação de reservar um *pagant* patia pelo estado luterano, contribuiu t para a preferência dada à federação pr

Acontece, porém, que a Alemanha melhor boa vontade, deixar de pagar l sível. A isso a irão ajudando as circu também a evolução interna, que tem a velmente o federalismo teutónico, prop *Reich* a unidade cada vez mais compa géneo. A constituição de Weimar, mu o império dos Hoenzollern, cerceou m vas dos estados federados. Em 1914, estados do centro do sul, contrabalanç Prússia. A seguir à guerra, a aversão era ainda tão poderosa, que os catól quicos decididos, abandonaram o *Deu* porque a direcção republicana de E mantinha fiel à constituição de Weim gime. As nações vencedoras e espe aplaudiram a fidelidade republicana d política dêste organismo modificou-se chanceler Marx — actual chefe do gov O Centro, o defensor da Constituição dor do cumprimento das estipulações é republicano! Entrou definitivamente da Prússia — o estado militar por exce

Ora, em Novembro passado, cer discretamente se exerciam para cong Sr. Marx e os católicos do *Bayrische* um grande impulso, chegando a con conferência pública em Ratisbona, na uma fusão completa, se assentou nu trabalho» muito propícia a união mais

Desta maneira o *Zentrumspartei*, f ardido Windthorst contra a Prússia e co

ga e vigorosa expansão comercial e industrial, porém, importaria a ruína do comércio desaparecia sob a aluvião exportadora da

evitar este dilema, diz-se e escreve-se na principalmente nos meios do grande comércio — r-se a cobrar menos da Alemanha. E chega e as anuidades do plano Dawes sejam reduzido!

m-se argumentos especiosos, que não impressionar aquela gente prática, para quem o capital tem importância.

orror aos encargos Dawes — diz-se — a Alemanha — empréstimos particulares, especificamente — empréstimos que ascendem a cerca de 100 milhões de dólares. Se o governo tedesco alegar dificuldade no pagamento dos juros dos empréstimos Dawes, surgirá imediatamente a crise. E aí teremos nós uma situação em que os estados credores e os credores particulares não deixarão de apoiar.

a e para evitar futuros conflitos — e mesmo se ficarem todos sem nada — o mais acertado, dizem os periódicos ingleses, as anuidades do seu montante actual. *Quand on n'aime, il faut aimer ce qu'on a...*

der, todavia, que mais tarde houvesse de dução. O humilde resenhador desta crónica acredita que a Alemanha estivesse a ante sessenta compridíssimos anos...

CAÃO DA ALEMANHA. — O tratado de 1919 e dominado pelo espírito liberal, que se insuflaram na maioria dos estados europeus de desmembrar a Austria-Hungria —, mas deixou de pé, num bloco tenaz,

a Alemanha — o império luterano. Nisto influiu sem dúvida a preocupação de reservar um *pagante*. A instintiva simpatia pelo estado luterano, contribuiu também, sem dúvida, para a preferência dada à federação presidida pela Prússia.

Acontece, porém, que a Alemanha se propõe, com a melhor boa vontade, deixar de pagar logo que lhe seja possível. A isso a irão ajudando as circunstâncias externas e também a evolução interna, que tem atenuado muito sensivelmente o federalismo teutónico, propendendo para dar ao *Reich* a unidade cada vez mais compacta dum bloco homogéneo. A constituição de Weimar, muito mais unitária que a do império dos Hohenzollern, cerceou muitas das prerogativas dos estados federados. Em 1914, a Baviera e os outros estados do centro do sul, contrabalançavam a influência da Prússia. A seguir à guerra, a aversão de Munich a Berlim era ainda tão poderosa, que os católicos bávaros, monárquicos decididos, abandonaram o *Deutsch Zentrumspartei*, porque a direcção republicana de Erzberger e Wirth se mantinha fiel à constituição de Weimar e à defesa do regime. As nações vencedoras e especialmente a França, aplaudiram a fidelidade republicana do Centro alemão. A política deste organismo modificou-se: quem o orienta é o chanceler Marx — actual chefe do governo de Hindenburg. O Centro, o defensor da Constituição de Weimar, o zelador do cumprimento das estipulações de Versalhes, já não é republicano! Entrou definitivamente na órbita da política da Prússia — o estado militar por excelência.

Ora, em Novembro passado, certas negociações que discretamente se exerciam para congregar os católicos do Sr. Marx e os católicos do *Bayrische Volkspartei*, tiveram um grande impulso, chegando a constituir matéria duma conferência pública em Ratisbona, na qual se não chegou a uma fusão completa, se assentou numa «comunidade de trabalho» muito propícia a união mais íntima...

Desta maneira o *Zentrumspartei*, fundado em 1870 pelo ardido Windthorst contra a Prússia e contra a *Kulturkampf*-

politik de Bismarck, é hoje um dos mais válidos elementos da obra complementar da bismarckianismo: a unificação do *Reich*. E é precisamente ao Centro, partido moderado, reapetador de Versalhes e tão da simpatia das nações vencedoras pelo seu cunho democrático, que cabe opiar o particularismo bávaro, única oposição séria à realização completa e definitiva do unitarismo alemão.

Este aspecto da política interna da Alemanha é de grande interesse para a política geral da Europa, como sem necessidade de demonstração, facilmente se compreende...

O DESARMAMENTO. — Esteve reunida em 4.^a sessão a conferência preparatória do desarmamento e parece que voltará a congregar-se em Março, para que, finalmente, aí pelos fins do verão, quando é grato recrear o corpo e o espírito pela frescura bucólica das montanhas helvéticas, haver então uma conferência a sério, onde o caso seja resolvido a contento geral e com geral proveito...

Assistiram delegados russos e os alemães. Por sinal que os *reporters* assinalaram curiosamente os vestidos e adereços luxuosos, perfeitamente *capitalistas*, das consortes dos delegados moscovitas...

O chefe da delegação russa, o gordo Litvinoff, atirou para o meio da conspícua assembleia uma proposta de 14 artigos, que fazem recordar os 14 pontos do falecido Woodrow Wilson e que se resumem nisto; licenciamento imediato de todas as forças militares, destruição de todas as armas, venda ou destruição de todos os barcos e aviões militares, cessação de toda a instrução militar, inutilização de todas as reservas, desmantelamento de todas as fortalezas e bases marítimas, supressão das fábricas de guerra e dos ministérios da Guerra, Marinha e Aviação, fim de toda a propaganda e educação militar, supressão da patente de invenção para armas e engenhos de guerra, etc.

Evidentemente o delegado sovieta quíz mangar com a tropa. O radicalismo da sua proposta não é ingénuo nem

idealista, como poderá parecer a alguns gionários. É, pelo contrário, uma proposição política: para que a assembleia a tidários do soviétismo, por esse mundo sem na crença dos intuitos humanitari União das Repúblicas Soviéticas. Porqu é um desfaçado sarcasmo. Os soviets m mas 562:000 homens de tropas permane trução militar intensiva de 2 a 4 anos d homens de tropas territoriais de milíci de serviço em média; 350:000 homens tros regionais durante uma média de se ainda as unidades permanentes da dire

Estas tropas constituem um exército em cada ano, mas nunca inferior a 1.500 dizer: o actual exército russo é comp Império dos Czares, apesar de a popu Repúblicas Socialistas Soviéticas haver de 50 milhões de habitantes.

E a confederação representada pelo poupa a despesas para ter um exérc capaz duma eficiente acção militar. N pouco realizada em Moscovo, o Sr. Un do comissário da guerra, declarou que res ascenderam de 557 milhões de rubl milhões em 1927. No exército moscov este ano, 100:000 alunos das escolas su

Já agora um pormenor para fechar:

Os Estados Unidos, donde algumas de incitamento ao desarmamento e a idénticas, vão aumentar a sua marinha frota aérea, segundo declarações rece Coolidge. Isto não impede que na Eu continue a falar-se pomposamente em d

A humanidade compraz-se deleitos mentiras.

de Bismarck, é hoje um dos mais válidos elementos complementar da bismarckianismo: a unificação do E é precisamente ao Centro, partido moderado, res- de Versalhes e tão da simpatia das nações vence- elo seu cunho democrático, que cabe opiar o parti- o bávaro, única oposição séria à realização com- efinitiva do unitarismo alemão.

aspecto da política interna da Alemanha é de grande e para a política geral da Europa, como sem neces- e demonstração, facilmente se compreende...

ESARMAMENTO. — Esteve reunida em 4.^a sessão ência preparatória do desarmamento e parece que congregar-se em Março, para que, finalmente, a s do verão, quando é grato recrear o corpo e o pela frescura bucólica das montanhas helvéticas, tão uma conferência a sério, onde o caso seja re- contento geral e com geral proveito...

stiram delegados russos e os alemães. Por sinal que rters assinalaram curiosamente os vestidos e ade- xuosos, perfeitamente *capitalistas*, das consortes gados moscovitas...

efe da delegação russa, o gordo Litvinoff, atirou eio da conspícua assembleia uma proposta de 14 ue fazem recordar os 14 pontos do falecido Woo- lson e que se resumem nisto; licenciamento ime- todas as forças militares, destruição de todas as enda ou destruição de todos os barcos e aviões cessação de toda a instrução militar, inutilização as reservas, desmantelamento de todas as fortale- as reservas, supressão das fábricas de guerra e es marítimas, supressão das fábricas de guerra e térios da Guerra, Marinha e Aviação, fim de toda anda e educação militar, supressão da patente de para armas e engenhos de guerra, etc.

ntemente o delegado sovieta quíz mangar com a radicalismo da sua proposta não é ingênuo nem

idealista, como poderá parecer a alguns das seus correligionários. É, pelo contrário, uma proposta apresentada com fins políticos: para que a assembleia a rejeitasse e os partidários do soviétismo, por êsse mundo fóra, se afervorassem na crença dos intuitos humanitaristas e pacíficos da União das Repúblicas Soviéticas. Porque a proposta russa é um desfaçado sarcasmo. Os soviets mantêm hoje em armas 562:000 homens de tropas permanentes, com uma instrução militar intensiva de 2 a 4 anos de serviço; 750:000 homens de tropas territoriais de milícia, que dão 9 meses de serviço em média; 350:000 homens instruídos nos centros regionais durante uma média de seis meses; acrescem ainda as unidades permanentes da direcção política.

Estas tropas constituem um exército de efectivo variável em cada ano, mas nunca inferior a 1.500:000 homens. Quere dizer: o actual exército russo é comparável ao do antigo Império dos Czares, apesar de a população da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas haver minguado em cêrca de 50 milhões de habitantes.

E a confederação representada pelo Sr. Litvinoff não se poupa a despesas para ter um exército verdadeiramente capaz duma eficiente acção militar. Numa conferência há pouco realizada em Moscovo, o Sr. Unchlitch, braço direito do comissário da guerra, declarou que as despesas militares ascenderam de 557 milhões de rublos em 1924 para 700 milhões em 1927. No exército moscovita fizeram estágio, êste ano, 100:000 alunos das escolas superiores.

Já agora um pormenor para fechar:

Os Estados Unidos, donde algumas vezes vêm palavras de incitamento ao desarmamento e a outras amenidades idênticas, vão aumentar a sua marinha de guerra e a sua frota aérea, segundo declarações recentes do presidente Coolidge. Isto não impede que na Europa e na América continue a falar-se pomposamente em desarmamentos.

A humanidade compraz-se deleitosamente em certas mentiras.